

A COMUNHÃO SEM DEUS: ENSAIO SOBRE O ATEÍSMO DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

COMMUNION WITHOUT GOD: ESSAY ON CARLOS
DRUMMOND DE ANDRADE'S ATHEISM

Cristiano Perius 

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil

Resumo

Este artigo acompanha vários argumentos em defesa do ateísmo tal como Carlos Drummond de Andrade os apresenta. Seu ateísmo tem sentido crítico e humanista, pois, de um lado, revela posturas incorretas de relação com o divino e, de outro, visa à promoção de valores éticos e responsáveis para com o próximo e para com a natureza. De forma semelhante a Jean-Paul Sartre, o ateísmo de Drummond afirma que o homem deve ser pensado sem a mediação de agentes exteriores à própria consciência humana. A prática religiosa é censurada quando visa à salvação de forma alienada e determinista. As questões que envolvem o fenômeno religioso devem ser acompanhadas de senso crítico. A valorização da religião, representada pela ação divina, é fruto da projeção do homem em seu desejo de transcendência. O humanismo de Drummond o impede de ver Deus onde só há o homem e o mistério da existência.

Palavras-chave: ateísmo; humanismo; Drummond.

Abstract

This article examines various arguments in defense of atheism as presented by Carlos Drummond de Andrade. His sense of atheism is critical and humanistic, because, on one hand, reveals incorrect postures of the relationship with the divine and, on the other, promotes the creation of ethical and responsible values toward others and the nature. Similar to Jean-Paul Sartre, Drummond's atheism asserts that humanity must be conceptualized without the mediation of external agents outside his own conscience. Religious practice is censored whenever it promises human salvation in an alienated and deterministic way. The issues surrounding the religious phenomenon are important and must

Résumé

Cet article analyse divers arguments défendant l'athéisme tel que le présente Carlos Drummond de Andrade. L'athéisme de Drummond est critique et humaniste en ce qu'il révèle les formes incorrectes de relations avec le divin et favorise la création de valeurs éthiques et responsables envers autrui et la nature. L'athéisme de Drummond, similaire à celui de Jean-Paul Sartre, affirme que l'être humain doit être pensé sans la médiation d'agents extérieurs à sa propre conscience. La pratique religieuse est censurée lorsqu'elle vise la salvação des hommes de manière aliénée et déterministe. Les questions liées au phénomène religieux doivent être abordées avec un esprit critique. La valorisation de la religion,

be accompanied by critical sense. The appreciation of religion, represented by divine action, is the result of the projection of man in his desire for transcendence. Drummond's humanism prevents him from seeing God where there is only man and the mystery of existence.

Keywords: Atheism; Humanism; Drummond.

représentée par l'action divine, est fruit de la projection de l'homme dans son désir de transcendance. L'humanisme de Drummond l'empêche de voir Dieu là où il n'y a que l'humain et le mystère de l'existence.

Mots-clé: athéisme; humanisme; Drummond.

O tema do ateísmo, no que diz respeito à fortuna crítica de Carlos Drummond de Andrade, à exceção de poucos nomes, entre eles o de Alex Villas Boas, é rarefeito. Ele encontra-se recoberto, na verdade, por questões mais amplas, direcionadas ao sentido da existência e ao conceito de ser-no-mundo. O contato com o *Zeitgeist* do século XX, desde o início, trouxe ao poeta a atmosfera intelectual disposta a um élan de ideias humanistas e afins com o existencialismo, motivado por filósofos como Søren Kierkegaard, Jean-Paul Sartre e Albert Camus. Da parte dos escritores, Émile Zola e Anatole France, entre outros nomes de conhecimento de Drummond, defendiam ideais laicos e de separação entre religião e Estado. É no horizonte desse pano de fundo que a secularização se apresenta, fazendo do ateu um personagem consequente.

Contudo, se é verdade que a questão do ateísmo não encontra respaldo volumoso na crítica literária, a relação entre a arte e o pensamento filosófico sempre foi tematizada. Como veremos a seguir, Davi Arrigucci Júnior, Antonio Candido, Affonso Romano de Sant'anna, Bento Prado Júnior, Alfredo Bosi, Francisco Achcar, John Gledson, José Miguel Wisnik, entre outros, reconheceram em sua obra o conflito existencial, de forma a tensionar imagens subjetivas (o sentimento do eu) e objetivas (os estados de coisas do mundo). Essa é a razão pela qual, na primeira edição de sua antologia poética, publicada em 1962, o poeta reuniu os poemas existenciais e filosóficos sob o título: "tentativa de exploração e de interpretação do estar-no-mundo" (Drummond, 2001, p. 15). Sublinhe-se no título a expressão heideggeriana "*in-der-Welt-Sein*", cujo sentido é o laço inextricável entre o homem e o ser. O sentido do ser é aberto pelo campo transcendental da consciência que se percebe como existente. Conduzido pela presença intencional e intramundana, o homem adquire dimensão ao mesmo tempo ôntica e ontológica, enredada pelo ente que pergunta pelo ser. Ao perguntar, visa a alcançar a transcendência e o

desvelamento a partir das categorias existenciais de um ser interrogante. A interrogação é um modo de ser fundamental que se volta ao sentido da existência. O exercício da interrogação retorna sobre o ser interrogante de forma a transformar a atitude natural em atitude reflexiva. A reflexão, como forma de qualidade do ser interrogante, é infinita, fazendo da condição humana uma interrogação constante. Assim, ao refletir sobre a existência, o poeta realiza sua “tentativa de compreensão do estar-no-mundo” por via da aliança entre a forma poética e a interrogação sem fim.

Tal interrogação não se dá em razão de superveniência entre o domínio artístico e o filosófico. Sem arrogância, artificialismo nem erudição diletante, trata-se de busca espontânea de fundamentalidade, pois o desejo de descrever o fundamental não é exclusividade da filosofia. Citemos alguns nomes que reconheceram o amálgama entre a palavra poética e o pensamento filosófico.

Em *Coração partido*, Davi Arricucci Jr. afirma que o trabalho poético de Drummond é “mesclado de drama e *pensamento*”. (Arricucci, 2002, p. 15, grifo nosso) Em virtude de sua densidade filosófica, o crítico qualifica sua poética de “lirismo *meditativo*” (Arricucci, 2002, p. 17, grifo nosso), pois se ocupa não apenas com o sentimento, mas com a reflexão sobre o ser, de forma a enredar a escavação de si (imagens do coração), a escavação poética (imagens da profundidade), a escavação do outro (imagens da relação amorosa) e a escavação do mundo (imagens estruturais das coisas do mundo).

Antonio Candido, em *Inquietudes na poesia de Drummond*, cuja primeira edição é de 1967, referindo-se ao período entre 1935 e 1959, afirma que “se é verdade que aborda o ser, imediatamente ocorre que seria mais válido tratar do mundo; se aborda o mundo, que melhor fora limitar-se ao modo de ser” (Candido, 1977, p. 95). Entre o sentimento e o mundo há uma tensão que estabelece uma intencionalidade incompleta e pendular entre as imagens do eu e as imagens do mundo, em busca de equilíbrio.

Alfredo Bosi (2006, p. 350, grifos nossos), em *História concisa da literatura brasileira*, afirma que “há um *existencialismo* niilista codificado em poesia, bem visível na leitura de poemas *reflexivos*”. A proeminência do existencialismo niilista é justificada pela negatividade de um ser que procura salvar em vão o fenômeno da existência, exprimindo “o sentimento do mundo do poeta, também negativo, na medida em que se ensombra com os tons cinzentos da acídia, do desprezo e do tédio que resulta na irrisão da existência” (Bosi, 2006, p. 350). A negatividade é característica do ser-para-si, segundo Sartre, pois qualifica a possibilidade de um ser que nega o determinismo em sua angustiada liberdade e impossibilidade de identificação com o absoluto.

A relação entre Drummond e a filosofia de Sartre também foi percebida por Francisco Achcar. Ao analisar o “Poema de sete faces”, afirma:

A quinta “face” expõe o indivíduo “abandonado por Deus” - sentimento típico de uma época de crise de crenças e valores tradicionais, uma época em que, como se formularia depois no âmbito do *pensamento existencialista*, o homem passou a sentir-se “jogado no mundo” e “condenado à liberdade” (Achcar, 2000, p. 23, grifo nosso).

Segundo Bento Prado Jr., o poeta elabora uma obra que

[...] não entrega todo o seu segredo sem alguma referência a *Sartre*, sendo surpreendente a coincidência temporal da emergência de temas, escolhas teóricas, práticas e estilísticas entre os dois autores, sem que se possa falar de influência (Prado Jr., 2014, p. 23, grifo nosso).

Afonso Romano de Sant’anna, em *Drummond: o gauche no tempo*, afirma:

No substrato do pensamento poético-metafísico de Drummond, podem-se assinalar alguns traços de um *pensamento existencialista*, sem que com isto se diga que o poeta pertença a esta ou àquela corrente filosófica (Sant’anna, 1992, p. 32, grifo nosso).

Ora, também é essa a avaliação de Cristiano Perius no ensaio *Drummond e o humanismo*:

O humanismo de Drummond não deve ser compreendido no sentido rigoroso do termo, a partir de seu surgimento, no Iluminismo e no Renascimento. Drummond não é humanista no sentido marxista, não é humanista no sentido sartriano, ainda que deste último aproxime-se muito o contexto de *A rosa do povo*, em razão da eticidade. Drummond não pratica os humanismos de ofício, e por uma razão muito simples: não se cola a escola filosófica, movimento intelectual ou autor humanista (ou anti-humanista, como poder-se-ia supor, por exemplo, por meio de uma aproximação com Foucault ou com o estruturalismo). Se o poeta não tem *parti pris* filosófico ou movimento intelectual pré-definido, é porque segue livre seu próprio caminho, colhendo *in nuce* as filosofias e correntes estéticas do tempo. Suas escolhas intelectuais são, na verdade, consequências de seu próprio lirismo. É só no interior do lirismo que encontramos a imagem do humanismo (Perius, 2015, p. 235).

Conclui-se disso que não se trata de temática filosófica humanista *tout court*, mas de uma verdadeira “maquinação do mundo”, isto é, de um trabalho de meditação poética que revela as camadas do ser. Isso significa dizer que essa corrente de pensamento é encontrada sob as imagens do fenômeno humano em suas mais variadas formas, a saber, enredado em questões éticas, políticas, sociais etc. No que diz respeito à eticidade do humanismo, por exemplo, John Gledson menciona a possibilidade de uma fé atea: “Privado

de explicações religiosas da existência, não obstante chega a uma espécie de fé. É uma fé, sobretudo, na possibilidade de uma humanidade comum, apesar da fragmentação que o mundo moderno nos impõe” (Gledson, 1981, p. 17).

A partir desses comentários, que mencionam a afinidade de Drummond com a filosofia do humanismo e do existencialismo, é possível concluir que colaboram para a forma de “sintomas colaterais”, por assim dizer, ao ateísmo. Essa avaliação também é válida ao poema “A máquina do mundo”, cuja dinâmica exprime o eu meditativo, caminhante e reflexivo estrada afora. Dentre muitas interpretações que este poema suscita, a recusa da máquina está ligada à recusa de Deus. O cerne dessa identificação com o ateísmo fica claro na seguinte citação de Cleber Ribas de Almeida (2022, p. 293):

A aparição da máquina exige que ele escolha entre a lucidez da razão resignada ao absurdo (sem apelo ou consolo) e a vida de fé, amparada, seja na aceitação de Deus como “explicação total da vida”, seja na aceitação do homem triunfal, dominador dos recursos da Terra, senhor absoluto do mundo. [...] Ele se nega ao salto rumo ao divino porque prefere viver combativa e corajosamente nesse limbo onde não há certezas sobre o futuro e onde a visão beatífica de Deus é impossível.

Contudo, por correta que seja essa via de leitura, a “máquina do mundo” congrega uma série de conceitos cosmológicos, ontológicos, epistemológicos, metafísicos e críticos. Seu sentido não se resume ao teor antiteológico e cético. Embora a recusa a Deus e o ceticismo estejam presentes no poema, é preciso pensar a ideia de Deus em metamorfose, pois se trata de um contexto de crise da razão e recusa de princípios apodícticos. Como aponta Cristiano Perius: “A máquina é o mecanismo (cada vez mais metafórico) de Deus. Mas Deus também será, mais uma vez, cada vez mais metafórico, isto é, irá de entidade suprassensível a operador lógico-metafísico” (Perius, 2002, p. 5).

José Miguel Wisnik, em *Maquinação do mundo*, explora a metáfora da mineração poética voltada ao contexto do poeta itabirano. Ao examinar o poema denso e filosófico “A máquina do mundo”, chama atenção para a gênese das imagens que se constituem a partir de sua cidade natal, sitiada pela mineração de ferro. O hermetismo alegórico do poema é acompanhado pelas análises de Heidegger sobre a essência da técnica, pela crítica da razão instrumental de Adorno e de Horkheimer e pelo conceito de controle dos dispositivos de Foucault e de Agamben. A confluência das imagens deixa o homem em situação dramática. A partir do drama, é notável como se opera, segundo as palavras de José Miguel Wisnik (2018, p. 233), “uma densa especulação poética sobre o destino da existência”. Trata-se da confluência de muitas críticas ao capitalismo e aos mecanismos de controle da sociedade industrial, analisados do ponto de vista da exploração do homem pelo homem, encobertos pelo minério.

A partir desse amplo cenário que coloca o homem no coração dos problemas que movem o poeta, qual é o lugar do ateísmo? Para responder a essa pergunta, é oportuno dizer que o humanismo, o existencialismo, o ceticismo, enfim, a secularização do *Zeitgeist* intelectual da época, entre outros elementos importantes, não explicam o ateísmo em si mesmos, embora fixem um entorno de imagens confluentes. Por essa razão, o ateísmo de Drummond deve ser compreendido a partir de um contexto que exige uma série de considerações específicas, sem as quais caímos em equívoco.

A fim de trilhar esse percurso de esclarecimentos específicos, algumas perguntas nos ajudam a qualificar essa questão. Sobre o que se funda o ateísmo de Drummond? De que tipo de ateísmo se trata? O que ele quer nos transmitir?

Apesar de constituir uma opinião pessoal, o ateísmo de Drummond é mais do que isso, pois se reveste de teor teleológico, na medida em que é motivado a alcançar determinados objetivos. A finalidade do ateísmo, como veremos nas páginas que seguem, é de natureza crítica e humanista, pois não se trata apenas de poetizar, em sentido puramente estético, mas de dizer alguma coisa em sentido profundo, isto é, edificar uma poesia que não visa apenas à beleza das palavras, mas revelar contradições humanas. Sua crítica à religião não significa, evidentemente, um programa deliberado de ataque à crença fideísta, efeito de uma defesa encarnçada do ateísmo como projeto de vida, ideologia marxista, filosofia materialista ou antimetafísica etc. Seu ateísmo não se apresenta em sentido organizado ou sistemático. De forma pontual e espontânea, suas imagens descrevem estados de coisas mundanos e comportamentos típicos, a partir dos quais o ateísmo se revela. Se é verdade que não defende uma declaração de guerra contra as doutrinas religiosas, é certo que sua poesia desempenha uma reflexão pertinente sobre o desejo humano de endereçar-se a Deus e suas mais variadas formas de projeção.

Ateísmo crítico e humanista

Na entrevista concedida por Alex Villas Boas ao Instituto Humanitas Unisinos, intitulada “Drummond e a re-significação de Deus na poesia”, lê-se:

Há na poesia não religiosa de Drummond uma mística poética de uma teologia ateia, de um dizer Deus pelas avessas, que se recusa a enxergar a causa de todas as coisas em uma “ordem” estabelecida por um “deus” em um mundo tão fora de ordem. Mas que ainda assim procura enxergar a beleza de cada coisa e de cada pessoa, e até mesmo enxergar em tudo isso uma centelha de mistério, sem se sentir na obrigação de nomeá-Lo, mas apenas poetizar. Carlos Drummond de Andrade, esse grande teólogo ateu de um Deus metafísico

que tudo vê e nada sente e que não anuncia a Sua morte, mas exorciza seus fantasmas, traz aquelas imagens de Deus que se apresentam na vida das pessoas como uma grande pedra em seus caminhos. A poesia de Drummond ajuda a se desprender de imagens inadequadas de Deus (Villas Boas, 2001).

Precisamos avaliar o teor desta afirmação. O ateísmo de Drummond é impregnado de nuances. A afirmação de uma teologia atea é mais do que uma mera contradição. É a procura de um sentido que resiste ao escapismo religioso e, por isso mesmo, coloca-se contra o dogmatismo de uma doutrina salvadora para o homem. E isso é assim porque a busca do sentido, na poesia de Drummond, apresenta um critério crítico. Este critério é forte o suficiente para desmanchar a crença mole-mágica em um Deus metafísico e exterior, avalista de um programa predeterminado ao que os homens fazem de si mesmos. É, nesse sentido, que encontramos a correspondência entre o ateísmo de Drummond e o de Sartre. Como veremos nas páginas que seguem, há uma recusa explícita, pertinente a ambos, de um Deus de garantias. Mais ainda, a própria ideia de Deus pode ser o equívoco de um comportamento que foge da responsabilidade de construir os próprios valores, alienando a outrem o que compete a si. Trata-se de uma consciência comprometida com a edificação de critérios éticos resistentes, apta a enfrentar o determinismo, o escapismo, o dogmatismo e outras formas de ideias entorpecentes ao espírito. Assim como Sartre, o ateísmo de Drummond é tanto teórico quanto prático. No ponto de vista prático, representa um recurso crítico contra a desumanização do homem. Do ponto de vista teórico, reveste-se de um procedimento metodológico contra o que se poderia chamar, a partir de categorias aristotélicas, de “Deus-motor”, pois, conceitualmente, Deus não pode ser pensado sem contradição.

Iniciaremos nossa análise pelo primeiro ponto, a saber, o ateísmo crítico e humanista. Leremos o poema “Romaria”, da coletânea *Alguma poesia*, publicada em 1930:

ROMARIA¹

[1] Os romeiros sobem a ladeira
cheia de espinhos, cheia de pedras,
sobem a ladeira que leva a Deus
e vão deixando culpas no caminho.

1 Obs. Numeramos as estrofes para mais facilmente referi-las.

- [2] Os sinos tocam, chamam os romeiros:
Vinde lavar os vossos pecados.
Já estamos puros, sino, obrigados,
mas trazemos flores, prendas e rezas.
- [3] No alto do morro chega a procissão.
Um leproso de opa empunha o estandarte.
As coxas das romeiras brincam no vento.
Os homens cantam, cantam sem parar.
- [4] Jesus no lenho expira magoado.
Faz tanto calor, há tanta algazarra.
Nos olhos do santo há sangue que escorre.
Ninguém não percebe, o dia é de festa.
- [5] No adro da igreja há pinga, café,
imagens, fenômenos, baralhos, cigarros
e um sol imenso que lambuza de ouro
o pó das feridas e o pó das muletas.
- [6] Meu Bom Jesus que tudo podeis,
humildemente te peço uma graça.
Sarai-me, Senhor, e não desta lepra,
do amor que eu tenho e que ninguém me tem.
- [7] Senhor, meu amo, dai-me dinheiro,
muito dinheiro para eu comprar
aquilo que é caro mas é gostoso
e na minha terra ninguém não possui.
- [8] Jesus meu Deus pregado na cruz,
me dá coragem pra eu matar
um que me amola de dia e de noite
e diz gracinhas a minha mulher.

[9] Jesus Jesus piedade de mim.

Ladrão eu sou mas não sou ruim não.

Por que me perseguem não posso dizer.

Não quero ser preso, Jesus ó meu santo.

[10] Os romeiros pedem com os olhos,

pedem com a boca, pedem com as mãos.

Jesus já cansado de tanto pedido

dorme sonhando com outra humanidade.

(Drummond, 2002, p. 37)

Estrofe 1: o poema inicia-se por uma paisagem tipicamente mineira. A ladeira assinala o caminho vergado para cima, isto é, para a igreja, lugar alto da cidade. Em Minas Gerais, como em muitos outros estados brasileiros, o sistema colonial deixou marcas na arquitetura urbana, que multiplica, no alto dos morros, espaços que se endereçam aos céus, lugar de sentimentos elevados. A dificuldade da subida é acompanhada por um movimento expiatório, cujo sacrifício redime os penitentes. O sentimento de culpa é confortado pelo esforço voluntário e fatigante de chegar ao topo. Estrofe 2: os sinos tangem, anunciando a chegada dos romeiros. Trata-se de um momento de exultação e de júbilo após a árdua viagem de peregrinação. As oferendas representam o agradecimento pela purificação dos pecados em sinal de reparação. Remidos, os peregrinos agradecem o perdão de Deus. Estrofe 3: o grupo dos romeiros não é homogêneo. O leproso de opa (veste ou capa com aberturas amplas no lugar das mangas) contrasta com as mulheres de saia, que expõem a forma das coxas ao rajar do vento. São moças jovens que acompanham o grupo sem cerimônias, vendo e se deixando ver. O leproso, ao contrário, não tem o olhar sobre o outro, apenas sobre si. Estrofe 4: Jesus no lenho (grande tronco de árvore limpo de galhos e folhas) expõe sua figura injuriada e despida, mas ninguém o vê. As feridas, o sangue, os pregos, os espinhos são solenemente ignorados. A agitação e a algazarra dos peregrinos não estão em sintonia com a imagem de Cristo sobre a cruz. O tempo de penitência acabou. É festa. Estrofe 5: no adro da igreja (espaço externo e imediato à porta, geralmente demarcado) já acontece todo tipo de acontecimentos mundanos. Jogatina, bebida, blasfêmia e toda sorte de vícios acontecem de forma livre e desinibida. O sol da tarde faz brilhar não mais do que a poeira que se avista sobre feridos e doentes que, em segundo plano, perderam a atenção. Estrofe 6: um fiel devoto, em solilóquio, faz uma prece. Deseja a cura do amor, que é a mais

pungente e terrível dor: amar sem ser amado. Estrofe 7: um segundo fiel, não tão íntegro quanto o primeiro, pede dinheiro para o fim de ostentação. A riqueza que deseja serve apenas à vanglória pessoal, reconhecida pela aquisição de coisas caras e sem sentido. Estrofe 8: o terceiro fiel é ainda mais ignóbil. Pede coragem para matar um suposto pretendente à amante de sua esposa. Estrofe 9: o quarto fiel é reconhecidamente ladrão. Pede a Deus para não ser preso. Estrofe 10: a litania dos fiéis é uma avalanche de pedidos. Deus, depois de escutar tudo e todos, dorme sonhando outra humanidade.

O poema é um relato que descreve um ciclo de acontecimentos. Como em um filme, constrói uma narrativa com início, meio e fim. O teor narrado visa a chegada dos romeiros à Igreja, que é extenuada e cansativa, seguida pela rápida transformação, quando, depois de instalados na igreja e em seu entorno, dão-se à prática de levandades. Fiéis ousam elevar a Deus algumas preces, por sinal, sem cabimento. Deus, que a todos ouve atentamente, é testado em sua benevolência. A não ser que tolere barbaridades, não é fácil o papel de Deus...²

Trata-se de uma crítica a comportamentos facilmente encontrados nos eventos religiosos. A participação dos fiéis em novenas, procissões, missas etc., reveste-se de características sociais que muito pouco ou nada têm de devoção genuína. A natureza dos pedidos dos fiéis é problemática, porque não segue critérios éticos. Coragem para matar, dinheiro para ostentar e ajuda para fugir da polícia não são, como se sabe, razoáveis. O humor da conclusão do poema é viável, pois Deus sabe que os pedidos nunca acabam, mesmo se fossem atendidos. Isso é assim porque ao ser humano sempre falta algo, a saber, a identificação entre a realidade e o desejo. Essa condição, segundo Sartre, é a impossibilidade de totalização do Em-si-Para-si. Em *O ser e o nada*, o filósofo afirma que o ser-para-si é falta de ser ou desejo de ser, já que é afetado pela consciência de não ser o que deseja ser e de ser o que não deseja ser. Trata-se de um ser marcado pela angústia de ser sem a possibilidade de plenitude ou de reunião com o absoluto. O homem é, portanto, eternamente desejante, sem a condição de superar ou de pôr fim ao sentimento de que lhe falta algo.

Ora, a conclusão do poema especula a situação vertiginosa de um Deus que ouve os homens. Ao visar o ponto de vista divino, outro poema, “Versos de Deus”, da coletânea *A paixão medida*, publicada em 1980, também se utiliza desta inversão:

² No poema “Outubro 1930”, da coletânea *Alguma poesia*, publicada em 1930, encontra-se uma imagem semelhante: “Deus vela o sono dos brasileiros. / Anjos alvíssimos espream / a hora de apagar a luz de teu quarto / para abrirem sobre ti as asas / que afugentam os maus espíritos / e purificam os sonhos. / Deus vela o sono e o sonho dos brasileiros. / Mas eles acordam e brigam de novo.” (Drummond, 2002, p. 34).

VERSOS DE DEUS

I

Ao sentir nos pássaros
tanta liberdade
e aéreo poder,
imagina um pássaro
superior a todos
e tão invisível
que seu vôo deixe
sensação de sonho.
Com leveza e graça
o homem pensa Deus.

II

No mais alto ramo
Deus está pousado
com uma garra apenas
e fita o mundo.
Do mais alto ramo
desfere vôo
e sai por aí
bicando as coisas,
indiferente às coisas
bicadas,
encantadas.

III

Bica-me Deus
de manso nos olhos,
antes referência
que repreensão.
Alisa o bico
no local. E dói.
Ao sumir crocita:
“Hoje te perdô”.
O que Deus perdoa,
só o sabe Deus.

IV

Deus rumina
que fazer, acaso.
Mais um terremoto?
De que proporções?
Uma nova guerra?
De quantas nações?
Que margem ceder
ao capricho do homem?
Vai nascer um artista?
Nascerão idiotas?
Surgirão robôs?

V

Ao findar o tempo
tudo se acomoda
à sua vontade.
Já não há projeto
de outro Deus ou vários.
Laços entrançados,
gemidos, crepúsculo
sempre continuado.
O homem arrependo-se
da criação de Deus,
mas agora é tarde.
(Drummond, 2002, p. 1.225)

Estrofe 1: de forma semelhante ao argumento ontológico de Santo Anselmo sobre a existência de Deus, segundo o qual “Deus é o ser que não se pode pensar nada maior”³; o poema cogita um ser mais livre e altaneiro do que os pássaros ou qualquer outra entidade conhecida. Insuperável, no lugar mais alto, superior a tudo, está Deus. Estrofe 2: a metáfora de Deus como pássaro soberano é somada às imagens da garra e do bico da ave. De tempos em tempos, Deus desce ao solo e, de forma aleatória, bica o homem, isto é, toca-o com a boca. Estrofe 3: como num passe de mágica, seu toque é restaurador. Ao ser tocado, o homem é redimido, mas não sabemos as

3 “*Aliquid quo nihil majus cogitare possit*”. A afirmação se encontra na obra *Proslogion*, de Santo Anselmo. Kant a denominou de argumento ontológico.

razões pelas quais escolheu tocar este e não aquele, pois os desígnios de Deus são insondáveis. Estrofe 4: a possibilidade do mundo está fundada sobre o capricho divino. Não há nada na face da Terra que não seja obra ou efeito de sua vontade. A seu bel prazer, vêm ao mundo tudo o que acontece: terremotos, guerras, enchentes, tempestades. O destino humano está em suas mãos. Os homens que vão nascer, as escolhas que irão fazer... Nada está fora de sua permissão ou propósito. Estrofe 5: passados milhões de anos, a história humana chega ao fim. Mas a extinção da humanidade já estava prevista nos planos de Deus. Qual o sentido de pensar um Deus que se antepõe ao vir a ser do mundo? Arrependido, o homem percebe que foi um erro cogitar um Deus onipotente, a partir do qual não pode ser independente. Não há sentido em ser um brinquedinho de Deus...

Como podemos ver neste poema, Drummond subverte o *slogan* “Deus criou o homem” à forma contrária: “o homem criou Deus”. O sentido dessa inversão é extraordinário, pois leva em conta que não é razoável passar a vida suplicando a um ser onisciente. Ao admitir a onisciência, o homem resume-se às páginas de um livro que já está escrito, pois nada é novo para Deus. Será preciso então outra reflexão que coloque o homem no lugar de Deus. Só assim estaremos livres de uma alienação cuja razão de ser é o desamparo diante da finitude.

Não pensemos, contudo, que a crença em Deus está banida à *la* Karl Marx, segundo o qual a religião é o ópio do povo. A crítica à religião que fixa os acontecimentos como fatalidades, isentando o homem de sua responsabilidade, é acompanhada por um critério humanista. Analisemos o poema “Vi nascer um Deus”, da coletânea *Lição de coisas*, publicada em 1962:

VI NASCER UM DEUS

Em novembro chegaram os signos.

O céu nebuloso não filtrava
estrelas anunciantes
nem os bronzes de São José junto ao palácio Tiradentes
tangiam a Boa-Nova.

Eram outros os signos
e vinham na voz de iaras-propaganda
páginas inteiras de refrigerador e carro nacional
mas vinham.

O governo destinou só 210 mil dólares
à importação de artigos natalinos
avelãs figos castanhas ameixas amêndoas
sóis luas outonos cristalizados
orvalho de uísque em ramo de pinheiro
champagne extra-sec pour les connoisseurs
mas vinham
a fome sambava entre caçarolas desertas
e o amor dormia na entressafra
mas vinham
e petroleiros jatos caminhões nas BR televisores transistores corretores
descobriram subitamente
Jesus.

(Quem adquire a big cesta de natal Tremendous
no ato de pagamento da primeira prestação
recebe prêmio garantido
e concorre
na última quarta-feira de cada mês
– números correspondentes aos da Loteria Federal –
a visões como um apartamento
um jipe
uma lambreta
um lunik
um anjo eletrônico
e mais:
ajuda quinhentos velhinhos
a provar alegria
pois a Obra de Senectude Evangélica
tem comissão em cada cesta vendida.)

... na manjedoura?
no presépio?
no chão, diante do pórtico arruinado, como em Siena o pintou Francesco
Giorgio?
na capelinha torta de São Gonçalo do Rio Abaixo?
na big cesta de natal?

... repousa o Infante esperado.
As luzes em que o esculpiram tornam-lhe o corpo dourado.
O Cristo é sempre novo, e na fraqueza deste menino
há um silencioso motor, uma confiança e um sino.

Nasce a cada dezembro e nasce de mil jeitos.
Temos de procurá-lo até na gruta de nossos defeitos.

Ministro deputados presidentes de sindicatos
prosternam-se, estabelecendo os primeiros contatos.

Preside (mal) as assembléias de todas as sociedades
anônimas, anônimo ele próprio, nas inumerabilidades

de sua pobritude. E tenta renascer a cada hora
em que se distrai nossa polícia, assim como uma flora

sem jardineiro apendoa, e, sem húmus, no espaço
restaura o dinamismo das nuvens. Sua pureza arma um laço

à astúcia terrestre com que todos nos defendemos
da outra face do amor, a face dos extremos.

Inventou-se menino para ser ao menos contemplado,
senão querido (pois amamos a nosso modo limitado,

e de criança temos pena, porque submersos garotos
ainda fazem boiar em nós seus barcos rotos,

e a tristeza infantil, malva seca no catecismo, nunca se esquece).
Assim o Cristo vem numa cantiga sem rumo, não na prece

com pandeiros alegres tocando
com chapéus de palhinha amarela
companheiros alegres cantando.

Ó lapinha,
menino de barro,
deus de brinquedo,
areia branca de córrego,
musgo de penhasco,
Belém de papel,
primeira utopia,
primeira abordagem
de território místico,
primeiro tremor.
Vi nascer um deus.
Onde, pouco importa.
Como, pouco importa.
Vi nascer um deus
em plena calçada
entre camelôs;
na vitrina da boutique
sorria ou chorava,
não sei bem ao certo;
a luz da boate
mal lhe debuxava
o mínimo perfil.
Vi nascer um deus
entre embaixadores
entre publicanos
entre verdureiros
entre mensalistas,
no Maracanã
em Para-lá-do-mapa,
quando os gatos rondam
a espinha da noite
os mendigos espreitam
os inferninhos
e no museu acordam as telas
informais
e o homem esquece
metade da ciência atômica:

vi nascer um deus.
O mais pobre,
o mais simples.
(Drummond, 2002, p. 492).

A crítica à alienação religiosa não apaga a sensibilidade do poeta em relação às comemorações festivas de Natal. Aliado ao nascimento de Cristo, há todo um élan de ações positivas, sinalizadas pela solidariedade, pela fraternidade, pelos presentes às crianças, pela alegria comensal da família reunida. A consideração do poeta está em perceber que o Natal é um feriado nacional cujo sentido é mais do que uma pausa no trabalho. A natalidade de Cristo adquire aura de afeto genuíno em cada lar, hospital, orfanato ou casa de abrigo. Todavia, se é verdade que o Natal representa um tempo de felicidade e altruísmo, é certo que empresas, entidades civis e governamentais utilizam a data para outros fins. O poema denuncia o largo aporte comercial que o Natal carrega, quando empresários, políticos, ONGs etc. aproveitam a data para benefício próprio. O alvoroço comercial em torno do Natal é inegável. Se o capitalismo espera da data uma renda extra, a menção a entidades envolvidas com o lucro não impede a singeleza e a gratuidade da representação de Deus menino. A imagem de um Deus que nasce pobre, sem luxo, longe dos palácios, é preservada em sua lição de vida contra os ambiciosos, os prepotentes, os abastados, os representantes do poder. O que interessa a Drummond é a ocasião espiritual que a imagem do presépio proporciona, trazendo a cada indivíduo a oportunidade de vivenciar o sentimento renovado de amor ao próximo.

Conclui-se disso que a defesa do ateísmo não é gratuita, mas motivada por princípios humanistas de respeito e comunhão entre os homens. O agir humano pressupõe o engajamento de quem percebe que não estamos sós, mas embarcados no mundo onde somos responsáveis por tudo o que acontece. O sentido de uma vida sempre alcança a coletividade, razão pela qual as ações humanas repercutem valores que podem ser alienados a partir de práticas evasivas e equivocadas ou conscientes.

O conceito de Deus

Aliado à crítica a práticas religiosas que entregam a Deus o que compete ao homem, a saber, a responsabilidade de criar valores éticos de forma autônoma, o ateísmo de Drummond é acompanhado por uma nova frente de discussão que está ligada à primeira, muito embora endereçada ao conceito de Deus. Vejamos o poema “Vida depois da vida”, da coletânea *As impurezas do branco*, publicada em 1973:

VIDA DEPOIS DA VIDA⁴

- [1] A morte não
existe para os mortos.
- Os mortos não
têm medo da morte desabrochada.
- [5] Os mortos
conquistam a vida, não
a lendária, mas
a propriamente dita
a que perdemos
- [10] ao nascer.
- A sem nome
sem limite
sem rumo
(todos os rumos, simultâneos,
lhe servem)
- [15] completo estar-vivo no sem-fim
de possíveis
acoplados.
- A morte sabe disto
e cala.
- [20] Só a morte é que sabe.
(Drummond, 2002, p. 741)

O tema do poema é metafísico. O que há depois da morte? Sabemos que as religiões têm um largo compromisso com a hipótese de vida após a morte. Ressurreição, reencarnação, metempsicose, transmigração da alma, psicografia, mediunidade, enfim, muitas são as teorias que envolvem este tema. Mas “a morte não/ existe para os mortos” (vs.1-2), pois os mortos não podem morrer. A finitude só existe para os vivos. É, nesse sentido, que o título do poema salta aos olhos, pois se a vida acaba com a morte, então

⁴ Numeramos as linhas do poema para mais facilmente referi-las.

a vida depois da morte é eterna. Eis aqui um dos elementos que marcam a natureza do divino, a saber, a imortalidade. O problema é que a vida após a morte é uma realidade que não pode ser verificada. Aliada à vida e seus mistérios, a morte é um drama pessoal. A pergunta pela vida após a morte é tão somente um eco e, por isso mesmo, uma conjectura sem possibilidade de ser confirmada ou contestada. Não há resposta que ponha termo a esta pergunta, portanto, a vida após a morte é uma questão metafísica fadada ao nada. Isso quer dizer que, enquanto representação que não admite nenhuma forma de retorno, a vida após a morte é o nada metafísico. Por nada metafísico, entende-se a projeção do pensamento que representa algo sem a qualidade da existência. Conclui-se disso que a representação de Deus tem, assim como a imortalidade da alma, propriedade metafísica, pois configurações vazias e infundadas, isto é, regradas pelo nada.

Mas isso não é tudo. O conceito de Deus é problemático em sua própria fundamentação teórica. Analisemos o poema “Deus triste”, da coletânea *As impurezas do branco*, publicada em 1973:

DEUS TRISTE

Deus é triste.

Domingo descobri que Deus é triste
pela semana afora e além do tempo.

A solidão de Deus é incomparável.

Deus não está diante de Deus.

Está sempre em si mesmo e cobre tudo
tristinfinitamente.

A tristeza de Deus é como Deus: eterna.

Deus criou triste.

Outra fonte não tem a tristeza do homem.

(Drummond, 2002, p. 742)

A tristeza de Deus está fundada sobre uma petição de princípio. Deus, criador do céu e da terra, não pode ser criado. Se fosse, seria criatura de um Deus maior que, por sua vez, não foge ao círculo vicioso da criação. É preciso um criador que não tenha sido criado, ou seja, um Deus *causa sui* ou criador de si, para que possa ser o autor do mundo. A existência de Deus pressupõe o nada absoluto, isto é, a criação *ex nihilo*. Ora, é esse pressuposto lógico-metafísico que torna Deus deficitário, pois não tem criador, ou seja, não tem paternidade, não tem raízes nem laços genealógicos de afeto. Em outras

palavras, não tem a proteção de um pai. Órfão, suporta sozinho o peso do mundo sem ter a quem recorrer. A tristeza de Deus é o desamparo, pois não possui a proteção que ele mesmo representa. Assim, a onipotência de Deus alcança o seu limite: ao contrário dos homens que possuem um Deus, Deus é ateu (sem Deus). A criatura tem algo que falta ao criador, e sua onipotência nada pode quanto a isso...

Na metafísica de Aristóteles, o estagirita explica o movimento de transformação dos entes através da causalidade. Todo movimento tem uma causa. Ora, a causa do movimento recuaria ao infinito se não concebêssemos uma causa não causada. É o motor imóvel. Como primeiro motor do mundo, não foi causado, isto é, não se move, pois, do contrário, seria movido por outro motor que incorre no mesmo princípio. Deus é, portanto, o motor imóvel do mundo. A partir dele todos os entes se movem segundo o princípio de causalidade.

Em 1984, numa entrevista concedida a sua filha, Maria Julieta, publicada por Pedro Graña Drummond anos depois, o poeta afirma:

Você não pode imaginar como Deus me chateia. Não creio nele. Eu creio realmente numa organização natural que pode tomar o nome de Deus. Esse argumento de que não é possível existir nada sem um poder gerador, que seria Deus, não resolve, pois então quem criou Deus? Deus gerou o mundo?! E quem gerou Deus? (Drummond, 2008).

Como se vê na descrição dessa entrevista gravada em fita cassete, o poeta reconhece o princípio aristotélico segundo o qual o primeiro motor é imóvel, isto é, Deus não pode ser originado de outro Deus, logo é o criador de si mesmo. A questão é posta da seguinte maneira: “Se Deus explica a criação do mundo, quem explica a criação de Deus?”. Ou seja, ao cotejar a criação divina, o problema não está sendo resolvido, apenas adiado. Há um ganho de economia, ao pensar o mundo sem a mediação divina, pois Deus só pode ser pensado como ateu, isto é, sem mediação. Ao propor o mundo como forma de ser autoproducente, obtemos a vantagem de admitir de cara o ateísmo que será reencontrado de qualquer forma na natureza de Deus. Conclui-se disso que o ganho teórico estabelecido pelo conceito de Deus é problemático, pois não faz mais do que mudar de lugar o problema. Não mudaríamos muito as coisas se disséssemos que, no fim das contas, Deus é uma muleta lógico-metafísica que não resolve o mistério do homem, deixando-o no mesmo lugar, a saber, responsável pelo que faz de si mesmo.

Na abertura do texto dissemos que há certa semelhança entre o ateísmo de Drummond e o de Sartre. Em *L'existentialisme est un humanisme*, Sartre afirma:

O existencialismo nada mais é do que um esforço para tirar todas as consequências de uma posição ateia coerente. (...) Não é tanto um ateísmo no sentido em que se esforçaria para demonstrar que Deus não existe. Ele antes declara que, mesmo se Deus existisse, nada mudaria. Não porque acreditamos que ele exista, mas porque o problema não é sua existência. É preciso que o homem se encontre e se persuada de que nada pode salvá-lo de si mesmo, nem mesmo uma prova válida da existência de Deus (Sartre, 1970, p. 95, tradução nossa).⁵

Para Sartre, a existência de Deus não move um milímetro a responsabilidade do homem em relação ao drama da existência. Trata-se de olhar o homem diretamente, sem mediação. Deus é uma alternativa de evasão ou de fuga da realidade sempre que legitimar a inércia, o determinismo, a crença no providencialismo, entre outros expedientes que alienam a responsabilidade do homem em relação a si, aos outros e à natureza. É nesse sentido que o ateísmo é um humanismo, pois deixa o homem só, sem desculpas diante da responsabilidade de fazer-se.

No poema intitulado “O Deus mal informado”, da coletânea *A falta que ama*, publicada em 1968, encontramos o desejo resistente de encontrar a forma do divino:

O DEUS MAL INFORMADO⁶

- [1] No caminho onde pisou um deus
 há tanto tempo que o tempo não lembra
 resta o sonho dos pés
 sem peso
 sem desenho.
- [2] Quem passe ali, na fração de segundo,
 em deus se erige, insciente, deus faminto,
 saudoso de existência.
- [3] Vai seguindo em demanda de seu rastro,
 é um tremor radioso, uma opulência
 de impossíveis, casulos do possível.

⁵ No original: “L’existentialisme n’est pas autre chose qu’un effort pour tirer toutes les conséquences d’une position athée cohérente. (...) L’existentialisme n’est pas tellement un athéisme au sens où il s’épuiserait à démontrer que Dieu n’existe pas. Il déclare plutôt: même si Dieu existait, ça ne changerait rien; voilà notre point de vue. Non pas que nous croyions que Dieu existe, mais nous pensons que le problème n’est pas celui de son existence; il faut que l’homme se retrouve lui-même et se persuade que rien ne peut le sauver de lui-même, fût-ce une preuve valable de l’existence de Dieu.”

⁶ Obs. Numeramos as estrofes para mais facilmente referi-las

[4] Mas a estrada se parte, se milparte,
a seta não aponta
destino algum, e o traço ausente
ao homem torna homem, novamente.
(Drummond, 2002, p. 680)

Estrofe 1: o poema menciona a passagem de Deus em algum lugar do mundo. Onde exatamente esteve ninguém sabe, pois o tempo apagou o registro de sua passagem. Os sinais de suas pegadas não são mais visíveis. Embora sem nenhuma pista, marca ou traço objetivo, há uma aura indescritível sobre a ideia de encontrar o seu vestígio. Estrofe 2: a busca pelos sinais de Deus atrai devotos. Quem entra nesse domínio fica vidrado. De forma cega e imediata, o seguidor contrai um sentimento de identificação com a causa e passa a falar em nome de Deus. Estrofe 3: o desejo de seguir os passos de Deus aprofunda a hipótese de encontrá-lo. A miragem de Deus aparece no exercício de segui-lo. Estrofe 4: aonde quer que tenha ido, nenhum indício levou a termo o lugar onde é possível encontrar Deus face a face. Caindo em si, o homem percebe que todos os indícios que seguira eram falsos.

O título do poema – “O Deus mal informado” – faz pensar nos pastores como maus informantes, enganadores, aproveitadores, impostores etc., pois arrogam a autoridade de Deus para justificar uma interpretação subjetiva e enviesada do divino. A imagem de Deus, que dizem haver no corpo da doutrina, não é senão um conjunto de valores arbitrários. Todas as menções a Deus são aspirações humanas. Ao fim e ao cabo, é sempre do homem que se trata. Partem dele e a ele voltam, pois a religião é fruto da imaginação humana que, aliada ao desejo metafísico de superar a finitude da existência, projeta em Deus a forma material da transcendência.

Conclui-se disso que o espírito humano é responsável por edificar a transcendência, pois não se contenta com as explicações científicas sobre a existência. As propriedades objetivas que se encontram na matéria não dão conta da intencionalidade humana, que é fabuladora. O homem é uma máquina de símbolos. Mitologia, religião, lendas, narrativas fantásticas, entre outras elaborações, revelam o papel central da imaginação que busca a imagem do divino. Esse componente faz da prática religiosa um exercício importante que, por isso mesmo, merece ser acompanhado com atenção e senso crítico. O ateísmo de Drummond constitui uma série de objeções que levam em conta a ingenuidade e as contradições do postulado religioso.

Dizer ou constatar isso não quer dizer que a temática do divino é irrelevante. Muito pelo contrário, na medida em que se apoia sobre as grandes questões da existência, a saber, quem somos, de onde viemos, aonde vamos etc., a fenomenologia da experiência religiosa ganha relevo, pois o desejo

de conhecer a resposta a essas questões é universal. No entanto, a revelação divina é um enclave de lições ao homem, pois a procura de Deus encontra seus limites no conceito de *representação*. Isso é assim porque, para o filósofo Merleau-Ponty (1999, p. 518), a representação segue o modelo de consciência cuja “potência construtiva só encontra nela o que lá colocou”. A experiência religiosa é aquela que representa, através do desejo humano de transcendência, a existência de um ente metafísico que ele mesmo projeta sobre o mundo. O conceito de representação está pressuposto no poema “O Deus mal informado”, pois a estrada até Deus revela-se, ao fim e ao cabo, o retorno inalienável ao próprio homem.

Vamos concluir com o poema “Único”, da coletânea *As impurezas do branco*, publicada em 1973:

ÚNICO

O único assunto é Deus
o único problema é Deus
o único enigma é Deus
o único possível é Deus
o único impossível é Deus
o único absurdo é Deus
o único culpado é Deus
e o resto é alucinação.
(Drummond, 2002, p. 742).

Embora breve em suas palavras, o poema “Único” não é isento de um rio caudaloso em suas entrelinhas. A temática de Deus não é menor. Ao contrário, é única. Conseguirá o homem deslindar os mistérios da existência? É certo que não. O enigma continua vivo. Quem se precipita no abismo é o homem!

Referências

- ACHCAR, Francisco. *Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- ALMEIDA, Cleber Ranieri Ribas de. A “máquina do mundo” e a filosofia do absurdo: Drummond, leitor de Albert Camus. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 25, n. 55, p. 279–321, 2022.
- ARRIGUCCI JR., Davi. *Coração partido: uma análise da poesia reflexiva de Drummond*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- BOAS, Alex Villas. *Drummond e a re-significação de Deus na poesia*. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo-RS, 27 ago. 2001. Disponível in: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/46798-drummond-e-a-re-significacao-de-deus-na-poesia-entrevista-especial-com-alex-villas-boas>. Acesso em: 28 abr. 2025.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 2ª. ed. Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Antologia poética*. Organizada pelo autor. 48. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Maria Julieta entrevista Carlos. *Entrevista a Maria Julieta Drummond de Andrade*. CD de áudio. Rio de Janeiro: Luz da Cidade, 2008. Informações disponíveis in: <https://www.cdpoint.com.br/Webforms/detalhe-produto.aspx?pStrUpc=9788587055446&pIntTipoProd=1&pIntPais=2&pStrOrigem=L>. Acesso em: 8 mar. 2024.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 2002.
- GLEDSON, John. *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PERIUS, Cristiano. *Drummond e o humanismo*. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 19, n. 37, p. 217–234.
- PERIUS, Cristiano; PRADO JR., Bento. *Vasta periferia*. Folha de S. Paulo, 27 out. 2002. Caderno mais! Edição especial em comemoração ao centenário natalício de Carlos Drummond de Andrade. Disponível in: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2710200212.htm>
- PRADO JR., Bento. *Sartre nos trópicos: entrevista concedida a Cauê Alves*. São Paulo: Revista Trópico, 2014.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Drummond: o gauche no tempo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

SARTRE, Jean-Paul. *L'existentialisme est un humanisme*. Paris: Ed. Nagel, 1970.

WISNIK, José Miguel. *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Cristiano Perius. Professor de Filosofia na Universidade Estadual de Maringá-PR.

E-mail: cristianoperius@hotmail.com

Declaração de Autoria

Cristiano Perius, declarado autor, confirma sua participação em todas as etapas de elaboração do trabalho: 1. Concepção, projeto, pesquisa bibliográfica, análise e interpretação dos dados; 2. Redação e revisão do manuscrito; 3. Aprovação da versão final do manuscrito para publicação; 4. Responsabilidade por todos os aspectos do trabalho e garantia pela exatidão e integridade de qualquer parte da obra.

Declaração de Disponibilidade de Dados:

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Declaração dos Editores:

Ana Maria Lisboa de Mello, Elena Cristina Palmero González, Rafael Gutiérrez Giraldo e Rodrigo Labriola, aprovamos a versão final deste texto para sua publicação.

Recebido: 11/07/2024

Aprovado: 31/03/2025